

## A gloriosa vida do Barão do Rio Branco (\*)

*Spencer Vampré*

Aos vinte de abril de 1845, nascia, na cidade do Rio de Janeiro, José Maria da Silva Paranhos, o futuro Barão do Rio Branco, cujo centenário celebramos, — ufanos da gloria que a sua luminosa vida reverbera sobre esta Faculdade de Direito, onde madrugou para as lides da inteligência e para altíssimos serviços à Pátria.

Filho do inclito Visconde do Rio Branco, e de sua mulher Dona Teresa de Figueiredo Paranhos, veio à luz o eminente estadista na Travessa do Senado n. 8, casa hoje pertencente à Nação Brasileira e considerada monumento nacional. O renome de seu pai, o principal autor da “Lei do Ventre Livre”, com justiça historica denominada “Lei Rio Branco”, não se deslustraria antes haveria de fulgurar mais alto ainda, — na pessoa do grande filho, fadado a integrar-se perpetuamente na historia e na geografia do Brasil, como que rematando e completando a obra secular dos bandeirantes na ocupação e alargamento do territorio patrio.

Antes de lhe rememorarmos as benemerencias, recordemos-lhe a largos traços a biografia. No Colegio Pedro II, concluiu o curso de seis anos com aprovação distinta em todas as materias. Não quis entretanto, receber ali o título de bacharel em letras, mas veio submeter-se a novas provas nesta Faculdade, no chamado “Curso Anexo” o famoso “curral dos bichos”, como pitorescamente se denominava

---

(\*) Conferência realizada na Faculdade de Direito, por ocasião do centenário do nascimento do Barão do Rio Branco.

então o curso secundario que aqui funcionou nos baixos do velho edificio monastico, de que a moderna construção conserva apenas o antigo claustro e o tumulo de Julio Frank. Adolescente ainda, aos dezesseis anos de idade, foi matriculado no primeiro anno em 1862, entre colegas, fadados como elle, a se tornarem eminentes nas letras patrias: Joaquim de Toledo Piza e Almeida que chegou a presidente do Supremo Tribunal Federal, e a quem Rui Barbosa beijou a mão em publico num assomo de entusiasmo por sua coragem de magistrado; José Xavier de Toledo, que morreu como presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, onde se recorda ainda a sua intelligencia lucida e segura; José Pedro Marcondes Cesar e Carlos Augusto de Sousa Lima, Ministros do mesmo Tribunal e padrões de saber juridico; Levindo Ferreira Lopes e Virgilio Martins de Melo Franco, lentes da Faculdade de Direito de Minas Gerais, a quem legaram um sábio Código do Processo Criminal; Pedro Vicente de Azevedo, advogado e politico notavel, presidente das Províncias do Pará, Minas Gerais, Pernambuco e São Paulo, tendo agido com rara energia na “Questão Religiosa”; Ezequiel de Paula Ramos e Luis de Oliveira Lins de Vasconcelos, advogados illustres, cuja fama o Foro de São Paulo ainda recorda com saudade; José Ferreira de Menezes, diretor da “Gazeta da Tarde”, estenuo abolicionista, a quem José do Patrocinio apellidaria de “o mais impavido jornalista da nova geração”, e outros e outros, não menos illustres, entre os quais o malogrado cantor “Evangelho nas Selvas”, — Luis Nicolau Fagundes Varella, — que, com Alvares de Azevedo e Castro Alves, constituem a trilogia poetica da Faculdade. A essa trilogia dos poetas, tão encantadoramente evocada há pouco pelo nosso eminente Mestre Ernesto Leme, se reacrescenta hoje, no novo edificio, a trilogia dos estadistas — “Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa”, todos três filhos desta Casa, e de destinos tão sobreexcedentes de gloria, que se repartem pela nossa Academia e pela do Recife, como

se não coubessem por sua grandeza dentro de um só desses “dois polos da intelectualidade brasileira”.

Curioso é que Joaquim Nabuco e Rui Barbosa não encontraram Rio Branco, nos quatro primeiros anos da sua vida academica. Matriculado no primeiro ano em 1862, em 1866 se transfere para o Recife, onde conclui o curso, ao tempo em que de lá vêm para São Paulo, Rui Barbosa e Nabuco.

### Vida em São Paulo

Inteligencia clara, voltada predominantemente para os estudos sociologicos e de historia patria, salientou-se desde logo, “Juca Paranhos” (como era familiarmente conhecido entre colegas), pela distinção de maneiras, correção de trajar, amenidade de trato e bondade de coração. Ainda se guarda a tradição de que morou, no primeiro ano, numa “republica” da rua da “Casa Santa”, nos fundos desta Faculdade, rua que se denominaria depois, e até agora, do “Riachuelo”, em homenagem à gloriosa batalha naval na Guerra com o Paraguai. Recorda-se tambem que residiu em seguida na “rua do Meio”, depois denominada “rua Rodrigo Silva”, esquina da atual “rua Livre”, então chamada “Beco dos Cornos”, por se depositarem na proximidade os chifres dos bois abatidos no matadouro vizinho.

Contava então São Paulo 46.000 habitantes. Estava longe a cidade provinciana de sonhar que, decorridos oitenta anos, se transmudaria nesta metropole industrial da America do Sul, com uma população trinta vezes maior, e que cresce todos os dias, aspirando a transformar-se em breve, de terceira cidade da America do Sul, em um dos mais importantes centros industriais e culturais, do mundo. Curioso viajante, Emilio Zaluar, traça-lhe êste retrato: “A cidade de São Paulo é monotona, e, nos seus dias de festa, em vez do riso jovial e franco, é taciturna e reservada, como uma beata que vai à missa das almas, com o rosto

escondido na mantilha, e as contas do rosario a apparecerem por baixo de um mantelete de seda”. Fagundes Varela escorça-lhe esta caricatura:

“Conheceis a cidade, onde as beatas,  
Em sombrias mantilhas envolvidas,  
Nas ruas mal calçadas se abalroam,  
De rosario na mão? Onde as tabernas  
Regorgitam de vates e oradores,  
Que os direitos da plebe preconizam  
E defendem a murros? Onde a nevoa  
Em seus mantos esconde a horas mortas,  
O turbilhão sem fim dos namorados?”

E Castro Alves, que chegou em 1868, pouco afeito ao inverno paulista, escrevia de São Paulo ao seu amigo Augusto Alvares Guimarães: “Aqui não ha senão frio, mas frio da Siberia; “cinismo”, mas “cinismo” da Alemanha; casas, mas casas de Tebas; ruas, mas ruas de Cartago... (por outra) casas que parecem feitas antes do mundo — tanto são pretas; ruas que parecem feitas depois do mundo — tanto são desertas. Escrevo-te à noite. Faz frio de morte. Embalde estou embuçado no capote, e esganado no “cacha-nez”. Homem feliz que tu és, Augusto! A estas horas suas à fresca nos lençóis de linho, enquanto eu estou gelado com as meias de lã. . Olha, se leres poesias nebulosas, germânicas, hibridas, acefalas, anomolas. não critiques nunca, antes de ver se são de São Paulo, e. . se forem, cala-te. São Paulo não é o Brasil. . é um trapo de polo, pregado a goma arabica na fralda da America (como diria o Tobias)”.

Pois bem, foi nesta cidade — fria e soturna, com escasos divertimentos — verdadeira Heidelberg sul-americana, cujo centro principal de interesse era a Academia, contando apenas trinta e cinco anos da fundação, que o jovem Rio Branco veio iniciar o curriculum academico. Compunham então a Congregação: no primeiro ano, em direito natural,

Avelar Brotero e, em direito romano, Crispiniano Soares — aos quais o novo estudante conheceu, desde logo. Nos anos seguintes: Ferreira França, João Teodoro Xavier, Martim Francisco, José Bonifacio, Antonio Carlos, Manuel Dias de Toledo, Antonio Joaquim Ribas, os dois Falcões (pai e filho), Ramalho, Duarte de Azevedo, Justino de Andrade e Furtado. Entre os condiscipulos, nas turmas mais adiantadas, recordaremos Prudente de Moraes, Francisco Rangel Pestana, Paulo Eiró, Bernardino de Campos, Campos Sales, Quilino dos Santos, Salvador de Mendonça, Ferreira Alves, Figueiredo Junior, José Carlos Rodrigues, Sizenando Nabuco, Candido de Oliveira, Elias Chaves Dutra Rodrigues, Virgilio Damazio, Paulo Egidio, Martinho Prado Junior.

A turma do futuro Barão do Rio Branco viu chegar nos anos seguintes, outros talentos, que com estes competiriam, nas vitorias mais altas das letras, do jornalismo, da politica e da ciência juridica: França Carvalho, Diogo de Vasconcelos, Rodrigo Lobato, Ubaldino do Amaral, Antonio Bento de Sousa e Castro, Luis Guimarães Junior, Feliciano Pena, Martim Cabral.

Não encontrou aqui Rio Branco nem a Rodrigues Alves, nem a Afonso Pena, seus condiscipulos do Colegio Pedro II; nem a Castro Alves, o poeta das “Espumas Flutuantes”, cujo estro poetico empolgaria o velho São Paulo de 1868.

A recordação de todos êsses nomes nos desvenda um escritorio intelectual, como só possuem as mais celebradas universidades do mundo. Sociedades academicas como o “Nucleo Juridico”, o “Ateneu Paulistano”, o “Culto à Ciência”, o “Clube Cientifico”, o “Recreio Instrutivo”, o “Ensaio Filosofico”, celebram sessões e publicam boletins e revistas, onde resplandecem os melhores talentos, que extravasam, de quando em quando, para as folhas extra-academicas e se empenham em debates politico-partidarios.

Quanto mais se aprofundarem os estudos da historia academica, mais ressaltará aos olhos dos estudiosos, o que

deve a Nação Brasileira a esta velha Casa de Ensino. Os estímulos que sabe criar entre os moços, as amizades que aqui se enraizam e solidificam, na época inesquecível da formação intelectual e moral, exercem influência indelevel que o dobrar dos anos não consegue extinguir, antes torna mais fecunda à medida que as ilusões se desfazem e desaparecem.

### A velha academia

Ei-la, a velha Academia de Direito, com os encardidos beirais lusitanos, imponente na sua conventual singeleza arquitetônica, onde todas as manhãs reboam as vozes juvenis, entremeadas de risos e de pilherias. Ei-la, a velha escola de ha oitenta anos, onde palpita a mesma alma sonhadora e insofrida da juventude brasileira, que acorria, como ainda hoje, de todos os rincões do País, para depois espalhar, por toda a parte, a cultura intelectual que aqui colheu no convívio com os mestres e nas tertulias dos colegas. Ei-los, os moços estudantes, vibrantes sempre em prol de uma pátria melhor, pátria que, naquele ano de 1862, estremece aos embates das lutas parlamentares, e vai dentro em pouco erguer-se, em assomos de civismo, na Guerra do Paraguai, e depois no primeiro Manifesto Republicano da Convenção de Itú.

Ei-la, a velha cidade das garôas e das mantilhas, que na bela imagem de Castro Alves, une as visões românticas da Andaluzia á gravidade estudiosa de Heidelberg. Na pequenina cidade não ha quase divertimentos publicos, e por isso acorrem os estudantes ás festas religiosas da Penha, de Santa Cruz do Pocinho, da Santa Cruz da Tabatinguera, Santana, do Cambuci, do Tatuapé, e até mais longe, de Santo Amaro, de Pinheiros, de Guarulhos e de Pirapora. Chega ás vezes o espirito brincalhão a irreverencias condenaveis, pois ousaram academicos comparecer ás cerimônias da Se-

mana Santa na Igreja do Carmo, disfarçados em trajos femininos, trazendo a cabeça recoberta com mantilhas. O nosso Furtado, lente desta Academia, que exercia a função de delegado de policia, comparece com três praças, de baioneta calada. Isso ofende os brios da classe academica, que sob o comando de Aureliano Batista, moço mineiro que se bacharelou em 1863, investe contra os policiais, e penetra na igreja em meio de grande alarido de fiéis e chilikues de beatas.

O Conego Ildefonso Xavier, diplomado por esta Academia, onde servira como secretario interino, e que se acha então no pulpito como pregador do dia, não perde a presença de espirito, e exordia eloquentemente: — “Que é que vejo, meus irmãos, no templo do nosso Deus?” E prossegue com indignada eloquencia contra “os desmandos que campeiam pelo mundo, e que nem o espetaculo atroz da maior dor humana tem conseguido coibir nos animos pecadores”.

### Diversões e aventuras de estudantes

Alem das festas religiosas, realizavam-se corridas de cavalos, ou “parelhas” como então se chamavam. Ocorriam no “caminho dos Guarapes”, que depois se denominou da “Ponte Grande”, onde corre hoje a Avenida Tiradentes. Havia ainda piqueniques em chacaras proximas, para onde iam os estudantes sobre magros cavalos de aluguel, conhecidos pelo nome pitoresco de “canivetes”. Frequentavam tambem confeitarias e cervejarias, das quais as principais eram a de Jacob Loskiel e a do Pereira Junior, — a “Confeitaria do Leão” — a melhor de todas, na rua do Comercio; a de Gaspar Leonard, onde foi posteriormente a “Stadt Coblenz”, de Jacob Friedrichs; e a de Rodovalho & Irmão, na Rua do Imperador, rua que depois se chamou de “Marçal Deodoro”, e que desapareceu com o alargamento do antigo “Largo da Sé” Não esqueceremos os banhos no

Tamanduateí, nos quais Rio Branco se deleitava em recordar que tomara parte.

Partiam os moços em grupos de quatro, cinco e, ás vezes mais; e, principalmente nos pontos denominados “Os Ingleses”, a “Figueira” e a “Fortunata”, nas vizinhanças da atual Avenida Rangel Pestana, atiravam-se ás aguas pouco profundas, em trajos paradisiacos, para surpresa e vexame de “alguma incauta ninfa”, isto é, de alguma pacífica lava-deira, que fugia espavorida, sob as risadas galhofeiras dos moços.

O melhor teatro era o São José, no Largo de São Gonçalo, atual Praça João Mendes, onde Castro Alves faria representar, pouco depois, sob vivos applusos o seu “Gonzaga ou a Revolução de Minas”, e onde o ator Furtado Coelho, aliás, muito querido e aplaudido, — recebeu pateadas, que o poeta d’ “Os Escravos” refere em sua correspondencia, não sem deixar transparecer tal ou qual satisfação. Outro teatro, muito frequentado, era o do “Batuirá”, á “rua da Cruz Preta”, (atual Quintino Bocaiuva) no trecho compreendido entre as ruas “da Freira” (Senador Feijó) e do Jogo de Bola (“Benjamin Constant”). Ali esteve muitas vezes o nosso Rio Branco, em companhia de colegas e amigos, entre os quais Martinico Prado, Domingos Marcondes e Souza Lima. O curioso, nesse teatro, é que ao ator Batuirá, (que terminou seus dias como chefe de uma igreja ou associação espiritista, que deu o nome a uma rua do bairro do Cambuci), ao aparecer no pequenino palco, saudavam verdadeiras ovações, ditos chistosos, e até versos e improvisos, de que Almeida Nogueira guardou os seguintes:

Salve! grande Batuirá!  
Com teus dentes de traira,  
Com teus olhos de safira,  
Com tua arte que me inspira,  
Nas cordas da minha lira,  
Estes versos de mentira!

As vezes se prolongavam tanto êsses motes e rimas em “ira”, que o Batuirá se retirava da cena, para voltar, mal

serenados os animos, a pedir humildemente cessassem as brincadeiras para poder começar o espetáculo. Representava então “O Rabeção”, e outros entremezes, de que basta o titulo para termos ideia.

Outras aventuras, que Rio Branco se comprazia em recordar, eram os furtos de galinhas e perus, e até de leitões. Certa vez entrou ele, com colegas, pelos fundos da cêrca dos frades do Carmo, sobranceira ao rio Tamanduatei e a grande custo conseguiu abafar os grunhidos de um leitão roubado. Puseram então os frades cães de guarda, e reforçaram as cercas, como unica defesa contra incursões futuras.

Entre tais folguedos e as horas de estudo passou aqui Rio Branco os quatro primeiros anos do curriculum academico, que foi terminar no Recife, ansioso de travar conhecimento com a Academia e a sociedade do Norte. Este costume de frequentarem os moços as duas Escolas alargava-lhes os horizontes mentais, e lançava, através de amizades perduraveis, vinculos de afetos entre brasileiros das regiões mais longinquas. Não haverá exagero em dizer que fomentavam a unidade nacional. Muitos dos nossos melhores talentos frequentaram uma e outra Academia. Fôra util fomentar o mesmo intercambio, ainda hoje.

### Valor da educação academica

Excusai-nos, senhores, se nos demoramos por um pouco nesse periodo de sua vida. É que elle está mais visceralmente ligado a nós, e, pela evocação da saudade ressurge, adolescente, o grande homem que admiramos na idade madura, ao entrar entre clarões de gloria no Panteon Nacional. Cada um de nós, professor, ou ex-aluno, ou estudante, sente mais perto o grande coração de Rio Branco palpitando, junto ao coração imperecivel e incorruptivel dessa velha Academia de Direito, que renasce em cada geração estudantina, com a mesma vigorosa beleza, com que a prima-

vera se desata em flores todos os anos. Nas horas em que uma grande desordem de idéias e de sentimentos campeia pelo mundo e se reflete em nossas preocupações cotidianas, uma figura exemplar como a de Rio Branco eleva o pensamento do Brasil á altura dos seus destinos historicos, e nos faz confiar cada vez mais nas fôrças virgens e fecundas que jazem na alma dos nossos discipulos.

Não é por uma especie de gabolice literaria, não é por impulso de amor proprio ou de vaidade, que agora recordamos as gerações de estadistas que têm alisado êsses bancos academicos. E' para imprimir, bem fundo, no coração e na intelligencia dos estudantes de hoje, o que fizeram outros antes dêles, e o que esperamos que façam por bem da Pátria. A responsabilidade pelos destinos do Brasil, é, porventura, maior nos estudantes de direito, do que em quaisquer outros universitarios, pois ás escolas juridicas cabe o proeminente papel de ensinar os principios e as praticas da justiça e da democracia, sem as quais a vida não é digna de ser vivida. E, neste momento, solenissimo da historia do mundo, quando o sangue de tantos brasileiros se derrama em terras longinquas, para afirmar a fé do Brasil nos principios que aqui professamos sempre, — e que os exemplos de Rui Barbosa, de Joaquim Nabuco e de Rio Branco gravaram indelevelmente em nossas almas, convem que os moços meditem sobre a responsabilidade imensa que lhes pesa nos ombros, sobre o dever que a nossa historia lhes impõe de emparelhar com os que aqui aprenderam a servir o Brasil, implantando, dentro e fora de nossas fronteiras, os postulados da democracia e da justiça.

### Vocação de Rio Branco

Meditem os moços sobre a vida de Rio Branco. Considerem nela os tropeços com que teve de lutar, ao esperar doze longos anos para obter a primeira nomeação de Consul — êle a quem, paradoxalmente, se criaram tantos em-

baraços no início da carreira, quando os imensos serviços de seu pai, o Visconde do Rio Branco, no Parlamento, no jornalismo e na diplomacia, parece deveriam alcatifar-lhe de flores os primeiros passos.

Com efeito, senhores, em 1866, vemo-lo frequentando o Curso Jurídico no Recife, onde recebe o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais. Já então, os sucessos da Guerra do Paraguai, na qual a seu pai, o Visconde do Rio Branco, coubera papel proeminente como diplomata, membro do Governo e fato preponderante na conclusão final e na restauração do país vencido, haviam definitivamente determinado a rota de seus estudos prediletos. Considerou êle sempre que esse guerra, bem como as lutas do Brasil contra as invasões holandesas, num periodo de vinte e cinco anos, concorreram poderosamente para retemperar as forças do país e fortalecer o sentimento da unidade nacional. Mais do que os estudos historicos, que a Guerra do Paraguai lhe inspirou, serviram êsses fatos para lhe estampar permanentemente no espirito a necessidade de possuirmos um exercito disciplinado e coeso, capaz de manter pelas armas o respeito á soberania nacional.

Os feitos da Guerra do Paraguai tambem lhe insculpiram na alma profundo respeito pela abnegação, capacidade e energia dos que concorreram para a nossa vitoria — o Imperador Pedro II, o Visconde do Rio Branco e os chefes militares, tendo á frente Caxias, Osorio, e o Conde D'Eu. Reflexos dêstes sentimentos são os seus primeiros trabalhos impressos: — “Episodio da Guerra do Prata”, (1864), biografia do comandante d'A Imperatriz, capitão de fragata Barroso Pereira, morto gloriosamente em 28 de abril de 1826, nas aguas de Montevideu, quando da abordagem de seu navio; e o “Esboço Biografico do Barão de Cerro Largo” (1864).

Essas contribuições antecederam as suas eruditas anotações á obra de Schneider, “A Guerra da Triplice Aliança”, cuja primeira parte só veio á luz em 1875, publicando-se a segunda em 1876, quando já Consul Geral em Liverpool.

Desde êsse momento se norteia decisivamente o espirito de Rio Branco para a nossa historia militar e diplomatica, onde adquiriu tal acuro e segurança, que mereceu de Eduardo Prado, seu dileto amigo e comensal em Paris, o elogio de ser o mais minucioso e completo conhecedor da historia patria no seu tempo, capaz de descrever com exatidão as dimensões das caravelas de Cabral, ou o calibre das armas das diferentes campanhas militares ou navais.

Antes de assumir o Consulado Geral de Liverpool, — de que datam os traços mais decisivos de sua carreira futura, — exerce Rio Branco, — como a tentar ou experimentar a sua vocação, — o cargo de professor interino de historia e geografia patria no Colegio Pedro II.

Mas em julho de 1868, deixa o Colegio Pedro II, e vai exercer a promotoria publica em Nova Friburgo. Já em começo do ano seguinte é eleito deputado á Assembléia Geral nas legislaturas de 1869 a 1872. Interrompe essas funções para seguir como secretario da Missão Especial do Visconde do Rio Branco ao Rio da Prata e ao Paraguai em 1870. Ainda em 1869 funda, com Gusmão Lobo e o Padre João Manuel, o Jornal “A Nação”, e nele escreve artigos lucidos, clarividentes e irrespondiveis, em defesa do Gabinete de 7 de março, de que fazia parte seu pai, o Visconde do Rio Branco. Pode dizer-se que a “Lei do Ventre Livre”, contra a qual se levantaram montanhas de interesses eleitorais aparentemente intransponiveis, deveu assinalados serviços aos dois Rio Brancos, sem esquecer o relevante papel que nela desempenhou o Marquês de São Vicente, tambem glorioso filho desta Academia, cujo nome recordamos sempre com veneração e saudade.

### Consul em Liverpool

O Consulado Geral de Liverpool, exerce-o Rio Branco de 1876 a 1889; mas durante êsses treze anos não fica inativo, antes se aprofunda em estudos geograficos e histori-

cos, de que resultam as “Anotações à Guerra da Triplice Aliança”, de Schneider; a publicação “Le Brésil à l’Exposition de Saint Petersburg”, em 1884, onde nos representa como Delegado Especial, o substancioso artigo “Le Brésil”, da “Grande Encyclopédie” sob a direção de Émile Levasseur; a não menos substanciosa “Esquisse de l’histoire du Brésil”, para a obra “Le Brésil”, sob a direção de Santana Nery. A medida que edita êsses dois notaveis trabalhos, em 1889, nas vespéras da proclamação da Republica, inicia as “Efemerides Brasileiras”, resumo seguro e minudente dos feitos mais memoraveis da historia patria. Já então o havia distinguido o Governo do Brasil com os titulos de Comendador e Dignitario da Ordem da Rosa (1881 e 1883) e com o titulo de “Barão do Rio Branco” (1888). Êste titulo gran-geou-lhe tal popularidade que todo o Rio de Janeiro, ao tempo do seu Ministerio das Relações Exteriores, se referia a êle com a singela indicação o “Barão”, estendendo-se logo que se queria dizer o “Barão do Rio Branco”.

Nem lhe faltaram condecorações estrangeiras: — a Legião de Honra da Republica Francesa (1874); o Oficialato da Ordem da Coroa da Italia (1874); o Oficialato da Ordem de Leopoldo, da Bélgica (1876); o Grande Oficialato da Ordem Militar Portugêsa de Nosso Senhor Jesus Cristo (1873).

Dentre as instituições culturais se orgulhava Rio Branco de fazer parte do Instituto Historico e Geografico Brasileiro (1867), ao qual sempre dedicou especial apreço pelos seus inestimaveis e relevantes serviços e de que foi presidente; da “Société Française des Amis des Arts” (1886), de que foi sócio fundador; e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (1889); do Instituto Arqueologico e Geografico de Pernambuco (1890); da Sociedade de Geografia de Paris, (1897); da Academia Brasileira de Letras (1898); da Real Sociedade de Geografia de Londres (1898) e ainda de outras.

### Outras notas biograficas

Quem se quiser comprazer nas minucias de sua biografia, no fecundo periodo de consolidação dos seus conhecimentos historico-geograficos, que vai da nomeação para Consul Geral em Liverpool até o seu primeiro grande triumpho diplomatico como advogado do Brasil no laudo arbitral do Presidente Cleveland, não terá mais que reler as paginas que sobre êle escreveram seu filho o Embaixador Raul do Rio Branco, nas suas "Reminiscencias do Barão do Rio Branco"; Rodrigo Otavio, no segundo volume das "Minhas Memorias dos outros"; Ernesto Senna e Liberato Barroso, no tomo 54 da Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, de 1912 (parte I), e as poliantéias, com a colaboração de diversos, que editaram a "Revista Americana", e o semanario "D. Casmurro".

Não fosse a urgencia desta hora, e o natural receio de vos aborrecer, reconstituiriamos as conversações, cheias de chiste e erudição historica, em que se deleitavam illustres brasileiros e estrangeiros, em Paris, na casa que ali alugou Rio Branco para facilitar a educação dos filhos, e por onde passava, quer em funções do cargo, quer em breves estadas de fim de semana. Seria belo, seria reconfortante para a nossa saudade, rever ali, assentados em torna dêle, Eduardo Prado, Domicio da Gama, Rodrigo Otavio, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Rodolfo Dantas, Gaspar da Silveira Martins, Leroy-Beaulieu, Elisée Réclus, Edmondo de Amicis, e outros, ora mais infimos e mais frequentes, ora em visitas ocasionais.

Mas precisamos retrazar brevemente os grandes serviços diplomaticos que Rio Branco prestou ao Brasil, serviços tão altos e tão valiosos que só a posteridade os poderá devidamente aquilatar.

Quando muitos dos que quiseram empanar o incomparavel brilho de sua gloria, jazerem sepultados na poeira

do esquecimento, a sua estrela ha de refulgir cada vez mais clara e mais alta nos horizontes da Patria. Quando as regiões enormes, que a sua perspicacia e a sua tenacidade lograram anexar definitivamente ao territorio patrio, transbordarem de riquezas, e onde imperam, ainda hoje, o deserto e a floresta virgem, rumorejarem as industrias e tumultuarem as cidades, o nome de Rio Branco ha de crescer, de geração em geração, e ha de repetir-se o cognome illustre com que nesta mesma Academia de Direito o laureou Rui Barbosa ao denomina-lo “o Deus Termeiro da Nacionalidade”.

### A questão das missões

Ha muito disputava a Argentina ao Brasil extensa área do territorio nacional, que compreenderia mais de um terço do actual Estado do Paraná, e desligaria o Rio Grande do Sul por uma especie de nesga, que penetraria na direção do mar, através da parte mais estreita das nossas terras no Sul.

Ao proclamar-se a Republica, assumia o debate já certa irritação na opinião publica de ambos os Países, e por isso Quintino Bocayuva, Ministro das Relações Exteriores do Governo Provisorio, assinou com o Governo Argentino uma convenção tendente a resolver o grave problema, que por vezes esteve a ponto de degenerar em conflito armado. Premido pelo clamor publico, embora não quisesse o Congresso reprovar ostensivamente os atos do Ministro, naquele momento politico ainda cheio de apreensões da nascente Republica, viu-se, entretanto, obrigado a não ratificar a Convenção. Propôs por isso a Chancelaria Brasileira que, com honra para ambas as partes, se sujeitasse a questão á arbitragem internacional, sendo escolhido arbitro o Presidente do Estados Unidos da America, e nomeando-se Aguiar de Andrade, velho diplomata de carreira e de notoria capacidade, para representar em Washington os interesses do

Brasil. Vindo a falecer êste plenipotenciario, o Marechal Floriano Peixoto, já então no exercicio da Presidencia da Republica, vacilou na escolha do substituto, em vista das exacerbações da opinião publica, quer em virtude da guerra civil de 1893 a 1894, quer pela polemica entre jacobinos e moderados, em meio aos quais se enfileiravam alguns dos estadistas da extinta Monarquia.

Fazia-se mistér escolher um homem que, com profundos conhecimentos historicos e geograficos, se achasse afastado do torvelinho das lutas partidarias e jornalisticas. Consultado por Floriano, sugeriu Sousa Correia, nosso Ministro em Londres, o nome de Rio Branco. José Avelino Gurgel do Amaral, deputado de prestigio e velho amigo de Rio Branco desde os tempos da Assembléia Legislativa e do jornalismo, secundou essa indicação, que Floriano aceitou, pois já tivera com êle ligeiro contacto quando ainda jovens se defrontaram no Paraguai, estando um a serviço de guerra e o outro como Secretario da Missão Diplomatica, conforme já referimos.

E foi assim, que seguiu para Washington, tendo por secretarios Domicio da Gama, Olinto de Magalhães e Domingos Olimpio Braga Cavalcanti, e por consultores tecnicos o General de Divisão Dionisio Cerqueira e o Almirante Candido Guillobel. Sabia, Rio Branco captar confiança e simpatias, e provem dessa ocasião suas excelentes relações de amizade com o grande juriconsulto norte-americano, John Basset Moore, e com Eduardo Yuhle, Chefe do Gabinete do Secretario de Estadó, que auxiliaram o Presidente Grover Cleveland nos seus estudos.

Sendo já então presidente do Brasil o grande filho desta Academia, Prudente de Moraes, que sucedera ao Marechal Floriano, apresentou Rio Branco a sua memoria em defesa dos direitos brasileiros, sob o titulo "Boundary Question between Brazil and the Argentine Republic" ("Questão de Limites entre o Brasil e a Republica Argentina").

Fiel ao método de tudo investigar e tudo saber, mas de reduzir as questões á sua maxima simplicidade, e de apresenta-las com argumentos decisivos, sem se perder em prolixidades ou em dissertações laterais que desviam a atenção do julgador, conseguiu Rio Branco um laudo favoravel do Presidente Cleveland em 5 de fevereiro de 1895, o qual traçou a linha de fronteiras exatamente reivindicada pelo illustre advogado do Brasil. Dizem os biografos que Rio Branco obtivera de uma secretária do Presidente a promessa de que lhe comunicaria confidencialmente, antes da leitura do laudo, se êste era ou não favoravel ao Brasil. Minutos antes da hora marcada para que Rio Branco e Estanislau Zebalos, que representava os interesses da Argentina, fossem á Casa Branca ouvir a sentença arbitral, foi o Barão chamado ao telefone e ouviu apenas estas palavras: “Minhas felicitações”. Conhecendo o timbre da voz da secretária, foi já com segurança, mas sem dizer coisa alguma aos seus companheiros Domicio da Gama, Olinto de Magalhães e Raul do Rio Branco, que se dirigiu á presença do Grande Presidente dos Estados Unidos, e ouviu, pela leitura do laudo, confirmadas as suas esperanças.

Deu-se, nesse debate em Washington, o seu primeiro encontro com Zebalos, que, parece, jamais se conformou com essa derrota. Contam os biografos que Rio Branco mantivera sempre attitude reservada, mas cheia de polidez, em contraste com Zebalos, que se mostrava impertinente-mente seguro do exito. Perdem os mais consumados diplomatas, muitas vezes, no ardor das pelepas, a arte sutil de occultar os sentimentos que o adversario, arguto e perspicaz apanha no ar. No proprio instante em que o Presidente Cleveland ia ler o seu laudo, não se conteve Zebalos, e quis ler, na ultima folha, a conclusão final, o que lhe foi impedido pelo Presidente com estas palavras sêcas: “É a favor do Brasil”.

### Outras questões de fronteiras

De Washington voltou Rio Branco para a Europa, evitando manifestações de seus amigos do Brasil. Retomou os seus estudos históricos, antevendo, talvez, que seria chamado em breve a deslindar outras questões fronteiriças de nossa Patria com as Nações vizinhas. Entre elas avultava a “Questão da Guiana Francesa”, que, com intermitencias e incidentes, por vezes irritantes, datava de dois seculos. Essa questão, conhecida tambem como “Questão do Oiapoque”, compreendia o vasto território entre a margem direita do rio Oiapoque e a margem esquerda do Araguari, afluente do Amazonas. Ali conflitos sangrentos se travaram entre paraenses e cearenses e aventureiros franceses, o que tornava dia a dia mais premente uma solução.

O ministro brasileiro em Paris, Gabriel de Toledo Piza e Almeida, que mais tarde se inimistou com Rio Branco, conduziu com auxilio dêste as principais negociações da ultima fase, a pique de serem interrompidas acrimoniosamente.

Afinal foi o dissidio apresentado ao arbitramento do Presidente do Conselho Federal Suizo. Em 1 de dezembro de 1900, veio o laudo, inteiramente favoravel ao ponto de vista brasileiro, fundado nos minuciosos estudos e memorial com que Rio Branco elucidara os debates.

Crescia, dia a dia, o renome do illustre brasileiro, e é natural que, no ano seguinte, de 1901, saisse nomeado Ministro do Brasil em Berlim. Ali profunda impressão lhe causaram a eficiencia e a disciplina do Exercito alemão, que já então punha em sobressalto a paz européia, em vista dos imprudentes e arrogantes discursos do Kaiser Guilherme II.

Esse ano de 1901 recorda ainda uma homenagem que o corpo academico desta Faculdade tributou ao seu ex-colega que tanto honrava as nossas tradições, sendo o seu busto inaugurado na sala do Diretor.

### Ministro das relações exteriores

Em 1902, sob a Presidencia Rodrigues Alves, (e não sem grande hesitação de Rio Branco), veio êste ocupar a pasta das Relações Exteriores, que haveria de ilustrar, — sem interrupção até 10 de fevereiro de 1912 — data do seu falecimento na mesma sala do Itamarati, que lhe servia de dormitório e gabinete de trabalho.

O que representou a sua gestão para a gradual elevação do Brasil à posição de marcante relevo, de que hoje desfruta no Congresso das Nações, ninguém o poderá ignorar. Com inteira justiça, depois de sua morte, se costuma chamar o Palacio do Itamarati, de “Casa de Rio Branco”, porque na verdade êle soube rejuvenesce-la, e revigora-la, abrindo-lhe novos e amplos horizontes, como jamais o fizera ninguém antes dêle.

Entre os feitos mais memoráveis do quatrienio Rodrigues Alves, mencionaremos o Tratado de Petropolis, de 21 de novembro de 1903 que nos deu o Territorio do Acre; a realização do Terceiro Congresso Cientifico Latino Americano; a criação do cardinalato brasileiro; a Terceira Conferencia Internacional Americana; a Convenção que criou a Comissão Internacional de Jurisconsultos Americanos; e a elevação da Legação Brasileira em Washington, e da Americana, no Rio de Janeiro, à categoria de Embaixada. Teve notadamente êste ultimo ato repercussão inestimavel nas relações interamericanas do Brasil, principalmente pela escolha acertadissima de Joaquim Nabuco para nosso primeiro Embaixador em Washington. Pela cultura literaria e politica, pela intuitiva compreensão dos grandes problemas internacionais, pela simpatia irradiante a que não faltava certa beleza apolinea, conquistou Joaquim Nabuco grande notoriedade nos círculos universitários e jornalísticos dos Estados Unidos, os quais exercem marcada influencia naquele democratico, progressista e iluminado país.

Poderemos dizer que dataram daí as relações cada vez mais profundas e mais cordiais entre o Brasil e a América do Norte, em laços que o imortal Presidente Franklin Delano Roosevelt tanto conseguiu consolidar e estreitar.

Entre 1906 e 1909, na Presidencia de Afonso Pena, continuou Rio Branco como Ministro das Relações Exteriores. Orientou e concluiu os Tratados de Limites com a Colombia e o Peru; e os Tratados de Arbitramento com os Estados Unidos, Portugal, França, Espanha, Mexico, Honduras, Venezuela, Panamá, Equador, Costa Rica e Cuba. Ao falecer o Presidente Afonso Pena, e ao suceder-lhe interinamente Nilo Peçanha, de 1909 a 1910, prosseguiu Rio Branco a sua obra primitiva de concordia internacional, celebrando Tratados de Arbitramento com a Grã-Bretanha, Bolivia, Nicaragua, Noruega, China, São Salvador, Colombia, Grecia, Rússia, Austria e Nungria; e na Presidencia Hermes da Fonseca, — quatrienio em que veio a falecer, — Tratados de Arbitramento Geral com o Uruguai, o Paraguai, a Italia e a Dinamarca.

Não poderemos omitir, neste rapido rememorar, a segunda Conferencia de Paz de Haya, onde o imortal Rui Barbosa, defendeu os mais altos principios da doutrina internacional, sem cujo respeito e observancia a Paz não subsiste e o flagelo da guerra ensanguenta irremissivelmente os povos.

Na Presidencia interina de Nilo Peçanha, graças ainda aos esforços do nosso Chanceler, a braços com campanhas jornalisticas tendenciosas, se liquidaram, por um Tratado honrosissimo para o Brasil e o Uruguai, as dúvidas que ainda subsistiam sobre a Lagoa Mirim e o Rio Jaguarão. Não só isso: ofereceu o Brasil os seus bons officios junto à America do Norte e ao Chile para a solução do caso Alsop & Cia.; e a mediação, em Quito e Lima, juntamente com a Argentina e os Estados Unidos, evitando assim a guerra entre o Equador e o Perú, provocada por incidentes de fronteira.

Eis aqui, senhores, a grande vida do grande servidor de nossa Patria, do imortal brasileiro que enche de glorias a nossa historia academica e nacional.

Quando ponderarmos, que, mercê da sua tenacidade infatigavel, êle integrou ao territorio brasileiro cerca de 900.000 quilometros quadrados, sem derramar uma só gota de sangue, tão só pelo vigor de sua dialetica e pelo estudo profundo das fontes historicas e geograficas; quando rememorarmos que essa imensa área sobreexcede à da antiga Austria, da Hungria, da Alemanha, da França, da Espanha, do Reino Unido ou da Italia; que é maior que o territorio do Chile e equivale aos do Equador, Uruguai e Paraguai, reunidos; que é três vezes o tamanho de São Paulo, maior que o Estado de Goiás e corresponde à soma dos territorios de Minas Gerais e da Bahia, poderemos avaliar a extensão das riquezas que o genio de Rio Branco acumulou para o futuro do Brasil.

Senhores e, principalmente, jovens estudantes desta Faculdade de Direito, — neste momento tão sombrio para o Brasil e para o Mundo, retemperemo-nos nos exemplos daqueles que, como Rio Branco, deram inteiramente o coração à Patria “Ubique patriæ memor” (Em toda a parte lembrado da Patria) — tal foi a sua divisa, que cumpriu rigorosamente, para sua gloria e para a nossa.

Lembre-mo-nos da Patria, nesta hora caliginosa em que as dissensões e as estreitezas personalistas ameaçam sosso-brar-nos. Ergamos os corações à altura dos nossos destinos, e das aspirações imorredouras da nossa gente, e quando acaso a duvida nos sombrear o entendimento possam os vultos imortais de Rui Barbosa, de Joaquim Nabuco e de Rio Branco iluminar o nosso caminho.